



Publicado em 10/11/2025 - 09:45

Envelhecimento acelerado, tema do Enem 2025, muda o mapa das doenças no Brasil: câncer e condições neurológicas crescem entre idosos

Tema da redação do Enem 2025 é 'Perspectivas acerca do envelhecimento na sociedade brasileira'. Estudo mostra que o país dobrará o número de idosos em 25 anos, enquanto AVC, Alzheimer e hipertensão crescem mais rápido que a estrutura do sistema de saúde.

Por Talyta Vespa, g1

O Brasil vive uma transição silenciosa e profunda: a de um país jovem que envelhece rápido demais.

Um estudo do Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS) mostra que a população idosa dobrará em apenas 25 anos, um ritmo seis vezes mais veloz do que o registrado na França. Até 2031, haverá mais idosos do que crianças — um marco demográfico que desafia a estrutura social, econômica e sanitária do país.

O envelhecimento acelerado, que inspirou o tema da redação do Enem 2025 (“Perspectivas acerca do envelhecimento na sociedade brasileira”), vem acompanhado de uma mudança preocupante no mapa das doenças: as enfermidades do envelhecimento — cardiovasculares, metabólicas e neurológicas — estão crescendo mais rápido do que a capacidade do sistema de saúde de lidar com elas.

As doenças do envelhecimento: um novo perfil epidemiológico

O levantamento do IEPS, de 2023, revela que os idosos brasileiros vivem mais, mas acumulam múltiplas doenças crônicas, com destaque para hipertensão, diabetes, doenças cardiovasculares, câncer, AVC e demências.

Essas condições já consomem boa parte dos recursos hospitalares do Sistema Único de Saúde (SUS), e a sobrecarga recai também sobre as famílias —

especialmente as mulheres, que, segundo o estudo, se tornam cuidadoras e acabam afastadas do mercado de trabalho.

“Estamos envelhecendo antes de nos estruturar. O desafio não é só viver mais, mas viver com qualidade e suporte”, resume o relatório.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), distúrbios como AVC, Alzheimer, enxaqueca, epilepsia e neuropatia diabética já são responsáveis por quase metade da carga global de incapacidade.

O alerta ganha peso em países que envelhecem rapidamente, como o Brasil, onde o aumento da expectativa de vida amplia a exposição a esses fatores de risco.

“É uma crise silenciosa de saúde pública global, e o Brasil reflete esse cenário de forma muito evidente”, alerta Maramélia Miranda, presidente da Sociedade Brasileira do AVC.

No país, o AVC voltou a superar o infarto como principal causa de morte cardiovascular desde 2019 — um reflexo direto do envelhecimento populacional somado ao controle insuficiente da pressão, do diabetes e do colesterol.

Envelhecimento, desigualdade e descoberta brasileira

A doença de Alzheimer, que tem a idade como maior fator de risco, cresce na esteira do envelhecimento acelerado.

“O que a França levou cem anos para envelhecer, o Brasil está fazendo em dez — e não estamos preparados”, explica Elisa de Paula França Resende, coordenadora de Neurologia Cognitiva e do Envelhecimento da Academia Brasileira de Neurologia (ABN).

Baixa escolaridade, hipertensão, diabetes, depressão e isolamento social agravam o risco. O Plano Nacional de Demências, embora aprovado, ainda não foi implementado.

Mas uma descoberta recente, liderada por brasileiros, traz esperança: um estudo publicado na revista *Nature Neuroscience* mostrou que a progressão do Alzheimer depende de uma inflamação silenciosa no cérebro.

A descoberta marca uma virada na compreensão da doença e reforça a importância de identificar precocemente processos inflamatórios no cérebro, algo que poderá orientar futuras terapias combinadas.

Câncer: o outro rosto do envelhecimento

O avanço da idade também tem mudado o mapa das principais causas de morte no país.

Um levantamento do Observatório de Oncologia, apresentado no Fórum Big Data em Oncologia, mostra que o câncer já superou as doenças cardiovasculares em 670 municípios brasileiros, o equivalente a 12% das cidades do país — um aumento de 30% em oito anos.

O estudo, baseado em dados do Ministério da Saúde, revela que as mortes por tumores cresceram 120% desde 1998, mais que o dobro do aumento observado nas doenças do aparelho circulatório (51%).

Se o ritmo continuar, o câncer deve se tornar a principal causa de morte no Brasil até 2029, marcando uma virada epidemiológica ligada diretamente ao envelhecimento populacional.

“O câncer é uma doença do envelhecimento celular. Quanto mais o país envelhece, maior o número de diagnósticos”, explica o oncologista Abraão Dornellas, do Hospital Israelita Albert Einstein e membro do Instituto Vencer o Câncer.

Segundo o levantamento, 77% das mortes por câncer ocorrem em pessoas acima dos 60 anos — e o fenômeno é mais evidente nas regiões com maior expectativa de vida. O Rio Grande do Sul lidera o ranking nacional, com 168 municípios onde o câncer já é a principal causa de morte. Lá, 22% de todos os óbitos são provocados por tumores, índice bem acima da média nacional (17%).

“O Sul tem a maior expectativa de vida do país e uma rede de diagnóstico mais estruturada, o que naturalmente amplia os registros”, explica a pesquisadora Nina Melo, coautora do estudo. “Mas há também fatores ambientais e genéticos — é uma população majoritariamente caucasiana, mais suscetível ao câncer de pele.”

O avanço do câncer entre idosos e o aumento da longevidade se somam a outro desafio: as doenças cardiovasculares continuam a crescer, alimentadas pelo mesmo processo de envelhecimento populacional e pelos fatores de risco acumulados ao longo da vida. Entre eles, a hipertensão arterial é o mais determinante — e também o mais comum.

Hipertensão alimenta o ciclo

A pressão alta continua sendo a principal porta de entrada para complicações do envelhecimento, como AVC e insuficiência renal.

Em setembro, uma nova diretriz brasileira mudou o parâmetro: pressão de 12 por 8 passou a ser considerada “pré-hipertensão”. O objetivo é endurecer a prevenção e manter a pressão abaixo de 13 por 8 (130/80 mmHg) para reduzir o risco cardiovascular em todas as idades.

“É uma medida que antecipa o diagnóstico e reforça o papel da atenção básica, especialmente no SUS, que acompanha 75% dos hipertensos”, explica o cardiologista Fernando Nobre, da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC).

A hipertensão afeta quase 30% dos brasileiros adultos, mas só um terço mantém controle adequado — um número preocupante para um país que envelhece rapidamente.

Famílias no centro da sobrecarga

O envelhecimento também reconfigura os lares brasileiros: segundo o IEPS, cresceu a proporção de casas habitadas apenas por idosos. Quando há limitações físicas, quase 100% dos cuidados são oferecidos por familiares, principalmente mulheres, o que reduz a renda e amplia a desigualdade.

“Sem políticas de apoio domiciliar e centros de reabilitação, a velhice no Brasil ainda é um problema privado — não uma prioridade pública”, resume Resende.

Um país que envelhece mais rápido do que se estrutura

O cruzamento de dados mostra que o Brasil está pouco preparado para o envelhecimento.

Há escassez de geriatras e gerontólogos, queda de leitos de reabilitação e poucas instituições de longa permanência. Apenas 36% dos municípios têm algum tipo de abrigo ou casa de apoio para idosos — a maioria privada.

A consequência é dupla: idosos mais doentes e famílias sobrecarregadas, num ciclo que já pressiona o SUS e desafia a previdência.

“O maior risco não é envelhecer, mas envelhecer mal — e sozinho”, complementa Resende.

<https://g1.globo.com/saude/noticia/2025/11/09/envelhecimento-acelerado-tema-do-enem-2025-ja-muda-o-mapa-das-doencas-no-brasil-cancer-e-condicoes-neurologicas-crescem-entre-idosos.ghtml>

Veículo: Online -> Portal -> Portal G1